



Batalhas de MC: um estudo sobre (im)polidez e categorização axiológica à luz da pragmática

MC Battles: a study on (im)politeness and axiological categorization under the light of pragmatics

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
adornomarciotto@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1857-0207>

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo / Brasil
Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

altinococabral@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6417-2766>

Resumo: As batalhas de MC fazem parte da tradição oral e musical da comunidade afro-americana e latina. Neste estudo, pretende-se analisar os versos de arremate (*punchlines*) das batalhas de um ponto de vista pragmático, ligado à teoria da (im)polidez linguística (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017), à noção da categorização axiológica (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; EVANS, 2009), situando-as como rituais de violência e de disputa verbais (BERTUCCI; BOYER, 2013; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). As *punchlines* analisadas foram retiradas de competições divulgadas para o grande público. Os resultados demonstram que esses versos são caracterizados pelo emprego de estratégias *ad hoc* de (im)polidez negativa e positiva, juntamente com a intensificação de elementos de categorização axiológica e pelo desprezo ao rival.

Palavras-chave: batalhas de MC; (im)polidez; categorização cognitiva; pragmática.

Abstract: MC battles are part of a long oral and musical tradition of the African American and Latino community. In this paper, we intend to analyze the battle *punchlines* under the light of the theory of linguistic impoliteness (CULPEPER,

2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017), as well as the notion of axiological categorization (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; EVANS, 2009), situating them as rituals of violence and verbal dispute (BERTUCCI; BOYER, 2013; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). The *punchlines* analyzed were taken from contests that are released to the general public. The results show that the punchlines are characterized by the use of *ad hoc* strategies of negative and positive impoliteness, together with axiological categorization, and contempt for the rival.

Keywords: MC battles; impoliteness; cognitive categorization; pragmatics.

Recebido em: 18 de março de 2020

Aceito em: 19 de maio de 2020

1 Apresentação geral do estudo

As disputas verbais marcadas por violência, de acordo com Vettorato (2008), são históricas, ou seja, têm sido presentes em diversas épocas e culturas, apresentando recorrências na forma e no estilo. Se, por um lado, elas põem em jogo a excelência dos locutores em disputa, por outro, elas cumprem um importante papel de denúncia e de construção de identidades. O fenômeno *hip-hop*, por exemplo, surge como forma de denúncia contra o desemprego, o racismo, a pobreza e a violência urbana nos Estados Unidos. Ele consiste em quatro pilares, o trabalho dos MCs, o trabalho dos DJs (*disk jockeys*), a dança no estilo *break* e o *graffiti*, conforme descrito por Cutler (1999), Chang (2005) e Rose (2008).

Nessas manifestações culturais, as batalhas de MCs funcionam como competições em que os MCs rivalizam entre si na forma de *raps*, ou de versos de estilo livre. O objetivo do duelo é que cada oponente argumente sobre os temas debatidos, o que é feito, geralmente, pela troca de ofensas, ou de críticas diretas ao rival e a seus argumentos. Os participantes têm ciência de que participam de um jogo no qual as agressões verbais com caráter de ofensa são a regra. Estando previstas pela batalha, não é esperado que o opositor se ofenda, mas que saiba contra-atacar. Dito isso, cabe refletir sobre em que medida os ataques violentos das batalhas de *MC* e seu caráter desqualificador constituem impolidez.

Pela natureza combativa dessas interações e tendo em conta a pergunta estabelecida, este artigo visa a analisar as batalhas de *MC* de um ponto de vista pragmático que busca alinhar: (a) a Teoria da Impolidez

Linguística (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017) em diálogo com estudos sobre batalhas verbais e (b) a noção da categorização cognitiva e de axiologia (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2014; EVANS, 2009). Neste texto, esses dois conceitos foram combinados em uma proposta de categorização cognitiva axiológica. A razão dessa proposta é que as categorias cognitivas com as quais interpretamos o mundo (EVANS, 2009) constituem a base para a formação dos conceitos e dos valores com os quais avaliamos nossas experiências, sendo, por isso, categorias cognitivas axiológicas (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; MAZZARA, 1997). Diante desse pressuposto, o trabalho busca investigar o caráter agressivo dos versos, observando-os no contexto da disputa verbal prevista para esse tipo de interação.

Os versos analisados neste estudo foram extraídos de vídeos do *YouTube*, nos quais as competições são divulgadas para o grande público. Na maior parte desses vídeos, as rimas mais aclamadas são legendadas, o que permite maior autenticidade à coleta de dados, principalmente porque a alta velocidade das falas é intrínseca a essa modalidade ritual.

Estamos cientes de que aqueles que postam suas manifestações em ambientes virtuais, como o *You Tube*, devem estar cientes do caráter público desses ambientes e, conforme já observaram Graham e Hardaker (2017), essas pessoas não podem esperar que esse material não seja examinado ou analisado por estudos científicos. Tomamos, no entanto, o cuidado de preservar a identidade dos participantes. O MC produtor dos versos em análise foi denominado MC King para evitar a exposição, pois os temas tratados são sensíveis. Além disso, a explicitação da identidade artística, em si, não é considerada um fator relevante para a análise empreendida no estudo.

A seguir, um breve panorama sobre as batalhas de MC e do *hip-hop* em geral será apresentado, com ênfase nos aspectos que mais interessam a este estudo, como a categorização axiológica. Além desta apresentação geral inicial e das considerações finais, o trabalho está organizado em quatro partes, a saber: inicialmente, situamos a batalhas de MC no contexto da axiologia e da categorização cognitiva; em seguida, apresentamos brevemente alguns conceitos relativos à impolidez, articulando-os a questões relativas a jogos de disputas verbais; posteriormente, descrevemos os procedimentos de coleta e as categorias de análise; em seguida, apresentamos as análises.

2 As batalhas de MC na cultura *hip-hop*: axiologia e categorização cognitiva

As batalhas de MC (*Master of Ceremonies*, Mestre de Cerimônias) fazem parte de uma longa tradição oral e musical da comunidade afro-americana e latina. Elas estão relacionadas a outros tipos de insultos rituais, registrados, entre outros, por Labov (1972) e Cutler (1999). Mais especificamente, as batalhas têm sua origem comumente associada ao bairro de Bronx (Nova Iorque), a partir de onde conquistaram alcance global, incluindo sua difusão entre os *rappers*.

Atualmente, a internet facilita cada vez mais a interação dos produtores e dos consumidores de *hip-hop* e contribui para promover e divulgar padrões expressivos e de consumo ligados a essa cultura (MATTAR, 2003). Além disso, a comunidade *hip-hop* compartilha e divulga, na internet, um sentimento de marginalidade e de resistência à opressão (OSUMARE, 2007). Nessa direção, o termo “Rap politicamente consciente” (ROTH-GORDON, 2009, p. 64) caracteriza um tipo de rap que confronta a violência estrutural exercida por grupos específicos de poder.

Do ponto de vista da construção poética, cada rima espontânea de uma batalha contém versos de arremate (*punchlines*), que devem ser formulados em menos de um minuto. A disputa é realizada em duas rodadas (*rounds*) iniciais, após o sorteio de quem vai atacar primeiro. Nesses *rounds*, cada oponente produz, em geral, cinco versos livres. O vencedor é escolhido por aclamação. Quando o duelo termina em empate, uma terceira rodada é deflagrada, em formato ainda mais dinâmico e veloz, como em um “bate-volta”. Nessa rodada de desempate, cada MC pode atacar e responder, normalmente, quatro vezes.

As rimas são formuladas de acordo com as batidas fornecidas pelo DJ, mas podem algumas vezes ocorrer também à capela. Nesse cenário, os MCs mais talentosos são hábeis em criar espontaneamente versos ligados à cultura *hip-hop*, ao contexto social, bem como a aspectos que insultem a aparência, a personalidade, ou a reputação do oponente. Na perspectiva deste estudo, esses elementos de afirmação social e cultural têm origem em modelos ativados via categorização cognitiva axiológica. O sentido axiológico é tomado aqui em âmbito teórico-prático, ou seja, ligado à natureza e à essência dos valores, considerados como inseparáveis da condição humana nos vários campos de sua atuação, tais como a educação, a arte e o mundo do trabalho (FRONDIZI, 1977).

A categorização axiológica é, dessa forma, cognitiva, no sentido de que se configura em um processo cognitivo básico.

Nessa direção, o processo de categorização axiológica permite o reconhecimento e a avaliação da realidade por meio do agrupamento de entidades, aos quais são atribuídos certos valores, ou qualidades específicas. O fenômeno comumente ocorre em associação a critérios de pertencimento, geralmente bastante amplos e muitas vezes também difusos (COHEN; LEFEBVRE, 2005). Dessa forma, as categorias cognitivas em geral e a caracterização axiológica em particular podem exibir graus de centralidade diferentes, englobando alguns membros mais semelhantes do que outros, ao contrário de compartilharem uma única característica definidora (EVANS, 2009).

A categorização axiológica é, por isso, muitas vezes fundamentada em características pré-estabelecidas, consideradas comuns a um determinado grupo social, por exemplo, nacionalidade, gênero, idade, cor da pele, religião e orientação sexual e/ou ideológica. Essas características também desempenham um papel fundamental no processo de modelação estereotipada, que pode igualmente dar vazão ao preconceito e à discriminação (MAZZARA, 1997).

Do ponto de vista discursivo, a tentativa de criação de modelos idealizados pode produzir mecanismos linguísticos de contraste, ou de confronto verbal, no qual indivíduos com características consideradas semelhantes e, ao mesmo tempo, avaliadas como incompatíveis com a visão de mundo de outros (seus rivais), que são insultados e desqualificados. Nesses casos, estabelece-se uma oposição, que vilaniza o outro, negando a ele características humanas, entre elas, em alguns casos, o próprio direito à honra (HAUGH, 2017). Desse modo, quando uma estratégia de categorização axiológica é discursivamente materializada, apenas o grupo considerado “favorável” ou “superior” é visto como detentor de inteligência e de prestígio.

No campo das batalhas de MC, a postura combativa é crucial. Ela é tão mais valorizada quanto maior for a intensidade do ataque verbal. No exemplo (1), o comportamento amigável (*Bestfriend*) que o MC sugere como sendo a expectativa de seu oponente, é incompatível com o campo de batalha (*Battlefront*) no qual os MCs devem atuar. O Exemplo (1), retirado dos dados deste estudo, ilustra o emprego de uma estratégia linguístico-cognitiva de ataque, que vilaniza o oponente, categorizado como não merecedor do pertencimento à comunidade *hip-*

hop, ao contrário do locutor, que se impõe como alguém preparado para a luta acirrada:

- (1) Vim aqui para a Battlefront
e não para ser seu Best Friend

A *punchline* de (1) atribui à batalha de MC elementos do campo bélico e institui o *rapper* como um combatente, ou seja, um soldado na linha de frente (*battlefront*). Essa categorização do evento de conflito implica a identificação de um rival potencial que, no Exemplo 1, é construído pela oposição entre *inimigo* (de batalha) e *melhor amigo* (*best friend*). Para fazer isso, o rival é expressamente categorizado como inimigo na *punchline*. É também imputada a ele a equivocada expectativa de um ambiente amistoso para o confronto, algo incompatível com a essência das batalhas entre *rappers*. Isso coloca o pertencimento do oponente ao grupo sob forte suspeição, afetando sua face positiva (BROWN; LEVINSON, 1987) e, ao mesmo tempo, polarizando o confronto axiológico entre os “bons” e os “maus” combatentes do *hip-hop*. Podemos afirmar que, ao situar o opositor na categoria de “mau combatente”, por sugerir que possa ser “Best Friend”, o *rapper* deprecia o posicionamento do opositor, desqualificando-o.

Ainda nesse exemplo, com respeito às estratégias linguísticas de polarização político-ideológica, o estudo de Wirth-Koliba (2016), realizado com dados de campanhas políticas no reino Unido, mostrou como as estratégias discursivas de proximidade (VAN DIJK, 1997) podem ser eficazes na construção da relação entre os campos “nós” e “eles”. Utilizadas como recurso pragmático-cognitivo ligado à capacidade do orador de apresentar eventos que afetam diretamente os rivais, geralmente de maneira negativa, ou ameaçadora à reputação deles, essas estratégias tendem a reverberar mais fortemente em discursos a respeito de ameaças de deslegitimação, por exemplo, ligadas à imigração e a políticas governamentais de exclusão. Na perspectiva do estudo de Wirth-Koliba (2016), o centro dêitico do discurso político na Grã-Bretanha incluía, por exemplo, na época da coleta dos dados, uma polarização entre os imigrantes (“eles”) e os políticos do Partido Nacional Britânico (“nós”). O uso desses elementos discursivos, segundo a autora, serve para demarcar a criação dos centros dêiticos de ação linguística polarizada. Neste estudo, esse tipo de polarização também foi identificado, como se verá no capítulo

de análise. A seguir, passa-se a uma discussão dos aspectos ligados à Teoria da Impolidez Linguística, que embasam essa pesquisa.

3 Trabalho de face, (im)polidez linguística e batalhas verbais

Na perspectiva de Goffman (1973), o trabalho de face refere-se às ações linguísticas e não linguísticas realizadas pelos participantes para “reivindicar seus valores sociais, ou para manter sua auto-imagem de forma considerada satisfatória para a interação” (HAUGH, 2013, p. 65). O conceito de território, também ligado ao conceito de face, refere-se tanto ao território físico e pessoal, quanto ao espaço psicológico do indivíduo, bem como a partes do corpo, roupas e objetos pessoais (GOFFMAN, 1973). A ideia de território compreende os domínios reservados da interação, ou seja, o direito do indivíduo de controlar quem pode começar o turno, bem como o direito de se proteger da intrusão e da indiscrição de outras pessoas (GOFFMAN, 1973).

Ao revisitarem o trabalho de Goffman (1973), Brown e Levinson (1987) revisaram a noção de face e propuseram um conceito importante: os Atos Ameaçadores de Face (FTA-*Face Threatening Acts*). Os FTAs são classificados de acordo com o tipo de face ameaçada (a positiva ou a negativa) e quanto ao fato de a ameaça ser desferida contra o ouvinte, ou contra o falante (BROWN; LEVINSON, 1987). Dessa forma, pedidos de qualquer ordem, por exemplo, podem ameaçar a face negativa do ouvinte. Se recusados, pedidos ou ofertas também podem ameaçar a face positiva do solicitante, ou do ofertante. Na mesma direção, críticas em geral atacam a face positiva do ouvinte. Do mesmo modo, agradecimentos e elogios podem ameaçar a face negativa do falante, pois imprimem no ato de fala a noção de um débito a ser reconhecido. Especificamente quanto ao conceito de polidez, Leech (1983) elabora-o como um tipo de restrição ao comportamento humano, operando para evitar a discordância ou a ofensa, bem como permitindo o fluxo harmônico da interação. Situações de desarmonia, em que a impolidez é a norma, ocorrem em alguns contextos particulares, em que os insultos são frequentes (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018).

Um ataque à face pode ser simplesmente ignorado e não respondido. Se for respondido, há escolhas de como responder. A escolha tende a ser entre aceitar a indelicadeza ou contra-atacar. A aceitação envolve concordar com um insulto; o contra-ataque envolve responder

diretamente à grosseria. Pode-se também simplesmente ficar em silêncio, aceitar a ofensa, ou defender-se. De acordo com Bousfield (2008, p. 72), a impolidez constitui-se na comunicação intencional de atos conflituosos e injustificados, propositadamente realizados de forma: (a) não-mitigada e (b) com agressão deliberada. No caso específico deste estudo, prevê-se que o ataque seja respondido por contra-ataque, conforme observado no início deste trabalho.

Em perspectiva similar à de Bousfield apontada no parágrafo anterior, Culpeper (2005, 2011) e Culpeper e Hardaker (2017) avaliam que a impolidez ocorre quando: (1) o falante comunica o ataque à face intencionalmente, ou (2) o ouvinte percebe o comportamento como intencionalmente, ou, ainda, quando ocorre uma combinação de (1) e (2). Para Culpeper e Hardaker (2017), trata-se de um fenômeno cognitivo, sistematizado a partir de unidades de comunicação, avaliação e expectativas que estabelecem experiências de (im)polidez. Por causa disso, realizações linguísticas não são inerentemente ‘impolidas’ ou ‘polidas’, mas emergentes em contextos socioculturais particulares. A (im)polidez é, portanto, conceptualizada diferentemente em situações e em culturas diversas.

Embora a (impolidez) seja um fenômeno cultural, lembramos, com Cabral (2019), que todas as culturas contemplam comportamentos que, em determinadas situações, são avaliados impolidos. Para Kerbrat-Orecchioni (2014), os atos verbais que violam as normas sociais constituem impolidez, mesmo que eles não sejam intencionais. Já para Culpeper (2011), toda impolidez traz uma intenção. Vai nesse sentido o raciocínio de Cabral e Lima (2017) ao defenderem que a violência consiste numa estratégia eficaz quando objetivo é ofender o interlocutor. Moïse (2011) tem interpretação semelhante. Na mesma direção, Laforest e Moïse (2013) ressaltam que um dado fundamental para que o insulto funcione é a percepção do interlocutor, ou seja, o insulto deve provocar um efeito sobre o outro que o desestabilize, ou seja, ele só ocorre se o outro sentir-se ofendido. Concordamos com esses autores tanto no que diz respeito ao caráter intencional da violência quanto no que diz respeito à importância da percepção do interlocutor dessa intenção. No caso concreto de nossas análises, no entanto, vale ressaltar que o efeito de desestabilização do outro constitui uma forma de vencer o opositor, isto é, o *rapper* que, por ventura, ofenda-se com as manifestações do opositor, demonstra não manter o jogo.

Também com respeito à relação entre impolidez, insulto e emoções, destacamos os posicionamentos dos autores mencionados no parágrafo anterior. Moïse (2011) considera o insulto como um ato interlocutivo dotado de força emocional, cuja finalidade é desqualificar, e destaca a importância de marcadores como o valor axiológico negativo de certos lexemas. Culpeper (2005, 2011), por sua vez, defende que a impolidez está relacionada a emoções negativas e à perda da face. Podemos dizer que descritores comuns de atitudes envolvendo impolidez e insulto são: vergonha, humilhação, raiva, sentir-se ferido, triste ou chateado (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017). Atos de impolidez podem ocorrer, por conseguinte, de forma direta (*bald on record*), em que a ameaça de face é feita de forma direta, clara, inequívoca e concisa; ou indireta (*off record*), em que os atos ameaçadores são realizados por meio de uma implicatura, mas de tal maneira que uma determinada intenção atribuída supere claramente qualquer outra (humor repreensivo).

Nesses atos, a impolidez positiva refere-se ao uso de estratégias ameaçadoras da face positiva, ou seja, dos desejos do interlocutor, tais como ignorar, excluir, usar marcadores de desinteresse, de falta de consideração, usar linguagem secreta ou obscura, procurar o conflito, usar palavras-tabu, xingar. Complementar à noção de impolidez positiva, a impolidez negativa consiste em estratégias destinadas a danificar a face negativa do outro. Ela está ligada ao uso de linguagem destinada a ameaçar, mostrar superioridade, desprezar, ridicularizar, ser desdenhoso, a não levar o outro a sério, menosprezar o outro, invadir o espaço do outro (literalmente ou metaforicamente), bem como a associar o outro com aspectos explicitamente negativos, ou com um único aspecto negativo (por exemplo, pelo uso marcado dos pronomes “Eu” e “Você”, quando indicativos de polarização conflituosa), colocar o débito do outro em destaque (CULPEPER; HARDAKER, 2017). Ligada a essa oposição pronominal e identitária, encontra-se também o combate entre “Nós” e “Eles”, que está associado ao conceito de hegemonia (WIRTH-KOLIBA, 2016). Nessa perspectiva, a superioridade de alguém, ou de um grupo sobre os demais implica a inferioridade dos últimos, cuja reputação é geralmente denegrida por meio de atos alegadamente impolidos.

Especificamente em relação à ofensa, Haugh (2013) sugere que “a ofensa pode ser entendida como uma ação social iniciada pelo destinatário em que ele interpreta as ações, ou a conduta do interlocutor (ou de

alguma outra pessoa ou grupos de pessoas), como ofensivas” (HAUGH, 2013). Para o autor, trata-se de um ato pragmático concebido e também limitado pelo tipo de atividade em que surge. Uma questão importante observada por Cabral e Albert (2017, p. 278) é que a violência verbal constitui “uma transgressão moral e social que conduz sistematicamente à desvalorização do outro”.

Em uma perspectiva complementar, Terkourafi (2008) distingue impolidez de indelicadeza (descortesia). Segundo a autora, na impolidez (ou rudeza) o locutor tem a intenção deliberada de ameaçar a face. Já na indelicadeza (ou descortesia), o locutor não tem essa intenção deliberada. As distinções propostas por Terkourafi (2008) nos remetem à importância das intenções do locutor, já destacadas por Culpeper (2011) e retomadas por Cabral (2019), que, analisando interações verbais violentas, ressalta a importância da intencionalidade como um conceito fundamental para esse tipo de análise. A esse respeito, é importante retomar Terkourafi (2008) para quem uma manifestação verbal de violência pode ter por detrás de si a intenção de construir a própria imagem, podendo operar, por exemplo, para projetar um jogador como exímio, conforme ocorre nas batalhas verbais.

Lembramos, com Moïse (2011, p. 29), que a língua pode servir “a uma vontade de transgressão, e o sentimento de vulgaridade, de agressividade ou de grosseria repousa frequentemente sobre formas chocantes e desalinhadas em relação aos códigos sociais esperados”.

No período da adolescência, mas não apenas, são bastante usuais os rituais de disputa verbal que envolvem violência de diversas ordens. Para Moïse (2011), trata-se de um processo de construção de identidade própria, que permite aos jovens distinguirem-se dos adultos, em quem, conforme a autora, tais batalhas verbais insultuosas costumam despertar reações de estranhamento e mal-estar, inclusive rejeição. De acordo com Vettorato (2008), as batalhas verbais não opõem rituais sociais, nem têm o objetivo expresso de insultar, elas opõem pares que encontram na linguagem um espaço de confronto cúmplice. O autor observa que, se inicialmente elas constituíam uma forma de luta para a supremacia e uma cultura de sobrevida num ambiente hostil, atualmente tornaram-se uma cultura da competição. Trata-se, segundo o autor, de um meio de integrar-se na coletividade, que levou o foco para as qualidades estéticas do desempenho de cada participante na batalha, o que transformou as batalhas verbais em uma arte.

Com respeito às disputas verbais marcadas por insultos entre os adolescentes, Moïse (2011) observa que eles lidam de forma eficiente com os diferentes usos pragmáticos, desde o palavrão até o insulto. A autora ensina que eles brincam com esses usos, provocam e até procuram enganar os adultos, que, conforme já mencionado, normalmente se chocam com esse tipo de comportamento verbal dos jovens. Bertucci e Boyer (2013), em estudo sobre batalhas verbais entre adolescentes, observam que uma etapa importante da formação dos jovens é o aprendizado de preservação da face por ocasião dessas batalhas verbais. As autoras afirmam que esse aprendizado é possível porque subjaz a essas disputas um princípio de distância simbólica que autoriza a zombaria e até o insulto, sem que haja consequências ofensivas; há, conforme destacam as autoras, um caráter lúdico que chancela o uso da violência verbal. Nas *punchlines* analisadas neste estudo, por exemplo, a impolidez deliberada é a norma, já que os MC travam uma batalha verbal aberta.

Cabral e Lima (2018), em estudo sobre postagens do *Facebook* associadas à violência feminina, identificaram estas categorias relacionadas à ofensa verbal:

- (a) desqualificação direta focada no outro (avaliação negativa do produtor da contribuição inicial);
- (b) desqualificação direta focada no objeto (avaliação negativa reativa ao tema em discussão);
- (c) desqualificação direta focada nos argumentos (comentário reativo de avaliação negativa relativa aos argumentos do outro);
- (d) desqualificação indireta co-construída (comentário reativo de avaliação negativa do produtor da contribuição inicial pela exposição de um estado/sentimento relativo ao produtor do comentário);
- (e) desqualificação indireta desviante (comentário reativo utilizado pelo usuário para introduzir outro tema de seu interesse).

As autoras advertem que essa descrição categórica pode variar conforme o *corpus*, servindo como referência ampla de análise. Neste estudo, as referidas categorias foram revisitadas para se adaptarem aos dados aqui analisados, como se verá adiante. Na próxima seção, os procedimentos de coleta e de análise dos dados deste estudo são descritos.

4 Descrição da coleta de dados e dos procedimentos de análise

Os versos de arremate (*punchlines*), analisados neste estudo, foram extraídos de vídeos do *YouTube* (<https://www.youtube.com/>), nos quais as batalhas de MCs são divulgadas para o grande público. Os referidos vídeos apresentam acesso gratuito e irrestrito e foram coletados no mês de outubro de 2019. Na maior parte dessas gravações, as *punchlines* mais aclamadas são legendadas, o que contribui para a maior precisão na coleta de dados. Isso ocorre porque a alta velocidade das falas dos MCs, característica dessa modalidade artística, algumas vezes impede a legibilidade dos versos, especialmente para aqueles grupos não-pertencentes ao universo *hip-hop*.

Neste estudo, o MC produtor dos versos em análise foi denominado MC King, para que sua identidade artística não fosse evidenciada. Como essa informação não apresenta relevância para o estudo, optamos por omiti-la. Além disso, os elementos de desqualificação do oponente identificados podem conter elementos sensíveis aos artistas cujas produções foram analisadas neste estudo. Trata-se de artista que despontou no universo *hip-hop* em 2019, reverenciado pela comunidade *rapper*. Na seção de análise, MC King é identificado como locutor, pois produz os versos em foco nesta pesquisa. Conforme já exposto e justificado na primeira seção deste trabalho, os nomes dos rivais também foram trocados para que a identidade deles fosse igualmente preservada. No total, foram analisadas dez *punchlines*, selecionadas na sequência em que foram publicadas no vídeo das *punchlines* mais aclamadas de 2019.

Dando seguimento à extração de dados, procedeu-se à análise interpretativa de dez *punchlines*, com base principalmente na teoria da impolidez e na categorização axiológica, conforme indicado na seção de revisão teórica deste estudo. Mais particularmente, as *punchlines* analisadas foram agrupadas por temas e pelo emprego de diferentes estratégias de impolidez que eram mais salientes nos dados.

Além desse procedimento, as categorias relacionadas à ofensa verbal, propostas por Cabral e Lima (2018) para análise de comentários do *Facebook*, foram adaptadas para servirem aos propósitos deste estudo, ligado à disputa poética travada entre rivais no universo do *hip-hop*. Após essa adaptação, as seguintes categorias foram empregadas na análise dos dados: (a) Desqualificação direta focada no rival; (b) Desqualificação direta focada no tema introduzido pelo rival e (c) Desqualificação direta focada nos versos do rival. A seguir, passa-se à análise das *punchline*.

5 Análise das *punchlines* por meio de elementos de categorização axiológica e impolidez

Nas *punchlines* analisadas, extraídas dos versos de MC King mais aclamados em 2019, registra-se o emprego de estratégias axiológicas de categorização; uma delas, considerada relevante, está ligada à delimitação do espaço identitário correspondente a “Nós” e a ‘Eles’. Essa oposição serve para demarcar a hegemonia na disputa de poder, conforme também identificado por Wirth-Koliba (2016) com respeito ao discurso político britânico. Por meio da categorização axiológica, o locutor procura enfatizar a sua superioridade como poeta, enquanto gera a implicatura da inferioridade artística do adversário, cuja reputação é denegrida pelo ataque à sua face positiva (BROWN; LEVINSON, 1987). Os excertos a seguir permitem observar o fenômeno:

- (2) Você falou de poesia, hoje eu te mato, isso é verídico,
Não é poesia, é poema. Você é ruim, “eu lírico
- (3) Mas, por favor, a minha rima que veja,
Você bebe tanto que, se fosse uma revista, is ser CerVeja
- (4) Por isso que eu rimo, sua rima é fossea, não seria MC de postura,
Nem com transplante de medula óssea

Em (2), observa-se a desqualificação do oponente produzida por meio de uma estratégia de desqualificação direta focada no rival, fenômeno já analisado por Cabral e Lima (2018); no caso em análise, encontra-se uma avaliação negativa do adversário, expressa pela oposição “Você é ruim, “eu lírico”, que, além de desqualificar o opositor por meio de qualificativo axiológico, enaltece a verve poética do locutor.

A desqualificação da reputação do oponente é também identificada em (4), em que o rival é caracterizado, indiretamente, como alcoólatra: Você bebe tanto que, se fosse uma revista, is ser CerVeja. “Beber tanto” é atributo de alcoólatra. Adicionalmente, registra-se o emprego da estratégia de desqualificação direta focada nos versos do rival, que ocorreu por meio da formulação de um verso de avaliação negativa relativamente à rima do opositor, ao desqualificar a rima do rival, o locutor o desqualifica por transitividade: se o foco da batalha verbal é a expertise poética dos *rappers* em disputa, aquele cuja rima é “fóssea”

não é possuidor do talento poético. Atuando complementarmente, essas duas estratégias (desqualificação direta focada no rival e desqualificação direta focada nos versos do rival) contribuem para reforçar o processo de categorização axiológica, fundamentado na delimitação de características consideradas comuns a um determinado grupo social, ou indivíduo, em oposição direta a outro. Esse fenômeno também subjaz à formação de estereótipos, que funcionam como categorizações da experiência humana em sentido amplo e irrestrito (EVANS, 2009; MAZZARA, 1997).

De forma semelhante, em (4), também se opera para denegrir a reputação artística do oponente (sua rima é fóssea), desempenhando papel importante no processo de modelação estereotipada (MAZZARA, 1997). O verso novamente delimita a fronteira entre quem apresenta qualidade artística e quem não a apresenta. Tal procedimento também remete ao conceito de categorias cognitivas difusas e reafirma o caráter radial da categorização, que pode abarcar elementos (ou atributos) mais centrais (por exemplo, o lirismo, pela produção de melodias, ou de rimas), bem como outros mais periféricos (por exemplo, a postura, ou a atitude *rapper*), ao contrário de identificar uma única característica como definidora da categoria (EVANS, 2009).

No excerto (5), o recurso principal empregado é a desqualificação direta focada no tema introduzido pelo rival (cf. CABRAL; LIMA, 2018), pois apresenta uma avaliação negativa do tema em discussão, introduzido pelo oponente.

- (5) Você falou de Viagra, só que seu verso é infértil
É que se rap é dar prazer, você tem disfunção erétil

Além disso, em (5), o rival é atacado em sua reputação. Nesse caso, o ataque é feito diretamente por meio do estereótipo masculino de sexualidade de potência sexual (“você tem disfunção erétil”). Pode-se afirmar que o locutor se vale da temática proposta pelo adversário, para, a partir dela, construir a desqualificação. Ao mesmo tempo, o reforço do modelo masculino idealizado ocorre lado a lado ao emprego de critérios difusos de pertencimento de grupo (COHEN; LEFEBVRE, 2005), supostamente envolvidos na cultura *hip-hop* em geral e no *rap* em particular (“só que seu verso é infértil”).

O aspecto da masculinidade e da força também é evidenciado em outro excerto, (6), em que a imagem masculina idealizada é inserida

no embate, na forma índice de sucesso artístico, ao afirmar “primeiro que sou homem”:

- (6) Não quero apagar sua história, primeiro que eu sou homem
E sei da minha trajetória

Em (6), a *punchline* produz um efeito depreciativo e não-mitigado em relação ao oponente, com verso formulado para conter potencial ofensivo (HAUGH, 2013).

O tema da violência e da opressão é recorrente nos versos, que associam a injustiça social e a violência à cultura *hip-hop*, tipicamente identificada como uma forma de resistência, ou de denúncia social. Esse aspecto pode ser identificado no excerto (7), no qual elementos pertencentes ao universo beligerante são referenciados, tais como o termo Glock, que faz alusão a uma marca de pistola automática. O termo também alude à força como elemento de contraposição à inteligência, implicitamente denunciando a superioridade da violência no embate social (*Inteligência não ganha de uma Glock na cintura*).

- (7) Inteligência não ganha de uma Glock na cintura, seu Lok,
Black Recayd Mod, “Não mexa com a minha Glock”

O verso ainda contém a estratégia de desqualificação do tema introduzido pelo rival, já que o tópico da racionalidade, ou da inteligência, é colocado em disputa pelo locutor.

Em (8), o tema da violência é novamente inserido no combate, juntamente com a afirmação da superioridade do locutor.

- (8) No rap eu trouxe a arte da guerra numa altura tão hostil
Que fiz Sun Tzu virar literatura infantil

A estratégia de enaltecer a hostilidade associando a ela a superioridade do locutor é identificada como de desqualificação direta do rival (cf. CABRAL; LIMA, 2018); por meio dela, o verso ataca a reputação do oponente afirmando a superioridade do locutor.

A reputação do locutor é também constituída pela valorização de atributos ligados ao padrão agressivo típico das batalhas. Esse padrão é contraposto ao alegado conteúdo ingênuo da literatura infantil (“Que fiz Sun Tzu virar literatura infantil”), provocando um efeito de deboche, ou de

zombaria, que atinge o oponente. Esse aspecto evidencia a intensificação dos valores debatidos na batalha e sua decorrente polarização, derivada de processos de categorização axiológica. Isso ocorre porque a categorização é fundamentada em características pré-estabelecidas, que são, ao mesmo tempo, fundamentadas em critérios difusos (beligerância vs. ingenuidade). Nessa direção, a estratégica de impolidez negativa contribui para atacar a face negativa do outro, conforme previsto. Por meio do uso de linguagem elaborada para mostrar a superioridade do locutor, o espaço psicológico do rival é invadido e este é ridicularizado, ou torna-se alvo de zombaria (CULPEPER; HARDAKER, 2017).

O excerto apresentado a seguir também alude à violência e ao combate, por meio da contraposição a um universo familiar e politicamente pacificado, em que jovens são mantidos pelos pais.

- (9) Sustentado pelos pais, aí você erra,
Rimando eu trouxe, irmão, a arte da guerra

Em (9), as características do oponente são desqualificadas; ele é “Sustentado pelos pais”, e, por consequência, o próprio oponente é desqualificado diretamente “aí você erra”, o que serve para novamente afirmar a superioridade do locutor como MC consagrado. Essa categorização também atua para reforçar a produção do modelo construído por indicativos implícitos variados, por exemplo, a independência econômica em relação à família. Contribui também para a formação desse modelo, ou categoria, um imaginário da luta pela sobrevivência, cujo desfecho é o sucesso artístico como modo de independência econômica e de prestígio social (*Rimando eu trouxe, irmão, a arte da guerra*). Deve-se observar que a *punchline* também representa uma instância de impolidez linguística, constituída pela comunicação intencional de um ato conflituoso, propositadamente realizado de forma não-mitigada (BOUSFIELD, 2008).

A questão racial também marca as *punchlines* analisadas e atua para afirmar o pertencimento a um grupo. No excerto (10), a oposição entre “eu” e “outro” é empregada para demarcar um espaço de consciência racial, que atua como caracterizador da própria cultura *hip-hop*.

- (10) Mas você veio de preto, eu sou black desde o ventre
Tou mais black do que nunca e você menos MC Leo do que sempre

Em (10), o locutor afirma sua superioridade, desta vez, por meio do orgulho racial (“eu sou black desde o ventre”). Ser “black desde o ventre” implica, também, a oposição entre a origem negra e a aparência, ou a superficialidade, concernentes ao oponente, que apenas *veste preto*. Ao empregar recursos ligados à impolidez negativa, a *punchline* atua para danificar a face negativa do oponente e valorizar a sua própria reputação (“Tou mais black do que nunca e você menos MC Leo do que sempre”). Esse procedimento distancia opositor das batalhas e inclui o locutor.

Uma estratégia semelhante a essa é identificada no excerto apresentado a seguir, no qual o uso do sarcasmo (CULPEPER, 2005, 2011) é registrado como meta-estratégia de impolidez (“O My Bro é bom na construção”), o que também atua como recurso para menosprezar o rival. Nesse exemplo, o termo “litrão”, indica a produção profícua de versos, característica de artistas prestigiados no *rap*.

- (11) O My Bro é bom na construção,
chegou contra o King e falou de litrão

Nesse exemplo (11), a impolidez é instanciada por meio de unidades de comunicação, de avaliação e de expectativas que estabelecem experiências de insulto, estratégias já destacadas por Culpeper e Hardaker (2017).

Considerando o conjunto das análises apresentadas, cabe observar que as realizações linguísticas não são inerentemente ‘impolidas’ ou ‘polidas’ *per se*, mas emergentes em contextos socioculturais particulares, neste caso, uma batalha de MC. O fenômeno da (im)polidez é, portanto, conceptualizado diferentemente em situações e em culturas diversas. Essas práticas de linguagem com o objetivo de atingir o adversário cumprem o papel de atestar a supremacia do participante e estão previstas pelo jogo. Pode-se, portanto, inferir que, conforme expusemos ao longo deste trabalho, elas seguem regras pré-estabelecidas, que organizam as trocas entre pares, pressupondo certa convivência entre os participantes. O caráter desqualificador em relação ao adversário deixa, no entanto, certa ambivalência no ar: é apenas um jogo verbal, ou também um meio de combater o outro e impor-se como o melhor poeta?

Após as análises das *punchlines* aqui apresentadas, passamos às considerações finais do estudo.

6 Considerações finais

Este estudo apresentou uma análise das *punchlines* mais aclamadas em 2019, formuladas por MC King até outubro do referido ano. Essa análise foi procedida, principalmente, por meio de dois referenciais teóricos complementares, ligados à Pragmática Linguística: a teoria da impolidez linguística (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017) e a noção da categorização axiológica (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; EVANS, 2009). O estudo fundamentou-se igualmente em pesquisas sobre rituais de violência e disputa verbais entre jovens (BERTUCCI; BOYER, 2013; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). Os resultados demonstram que as *punchlines* são produzidas principalmente por meio do emprego de estratégias de impolidez negativa, denegrindo o oponente e colocando sua reputação e seus argumentos em xeque, bem como de impolidez positiva, particularmente por meio do desprezo ao rival. Contribui para isso o emprego de recursos que afirmam a superioridade do locutor, desqualificando diretamente o adversário, o tema por ele tratado, como também seus versos, de modo similar às categorias identificadas por Cabral e Lima (2018) em estudo sobre comentários de *Facebook*. Nas batalhas de MC, no entanto, a impolidez é construída *ad hoc* e, nesse sentido, defendemos que possa ser interpretada como um tipo de simulacro de impolidez (*mock impoliteness* (CULPEPER, 2011)), pois os atos verbais de violência se dão em um contexto para o qual eles são não apenas previstos, mas exigidos.

Este estudo também identificou a ativação de processos de categorização cognitiva axiológica, responsáveis pela formação de uma polarização, em que características algumas vezes difusas, ligadas ao pertencimento à cultura de *hip-hop*, são reafirmadas para atuarem como um modelo idealizado de MC (ou de combatente). O alegado afastamento desse modelo (MAZZARA, 1997) opera para intensificar a difamação do rival, colocando seu pertencimento ao grupo sob suspeição. Nessa direção, é importante ressaltar ainda que o ataque ao outro é componente intrínseco das batalhas, já que elas se constituem em rituais de insulto, conforme registrado na literatura da área (BERTUCCI; BOYER, 2013; CUTLER, 1999; LABOV 1972; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). Nesses embates poéticos, quando uma estratégia de ataque é ativada, apenas o indivíduo considerado superior é afirmado, pelo menos momentaneamente, como detentor de inteligência, de talento e de prestígio.

Ao mesmo tempo, os modelos axiológicos por que se pautam as batalhas podem ser também difusos, uma vez que as categorias cognitivas são igualmente radiais, podendo conter membros mais centrais, bem como outros mais periféricos (EVANS, 2009). Isso ajuda a explicar a plasticidade verbal das *punchlines* aqui analisadas, que exibem diferentes graus de centralidade, com alguns versos ou temas mais assemelhados entre si do que outros (por exemplo, lirismo poético e violência urbana), em vez de compartilharem uma única característica dominante.

Neste ponto do texto, é necessário ainda considerar que as *punchlines* analisadas neste estudo também ajudaram a confirmar como a linguagem artística dos MCs reflete o ambiente do qual eles provêm e, ao mesmo, tempo, os projeta. Nessa perspectiva, o MC King, ao falar (combater) melodicamente na batida do DJ, cria um ambiente musical de conflito e de aspereza. Ao mesmo tempo, ele reafirma sua identidade artística, bem como delimita seu território como *hip-hopper* e como cidadão.

Por fim, este estudo analisou um conjunto específico de *punchlines* de um único MC. Outros estudos poderão ampliar esses resultados para melhor contribuir na compreensão dessa cultura de afirmação social e de resistência.

Referências

ASSIMAKOPOULOS, S.; BAIDER, F. H.; MILLAR, S. *Online Hate Speech in the European Union: A Discourse-Analytic Perspective*. Zurique: Springer, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-72604-5>

BERTUCCI, M. M.; BOYER, I. “Ta mère elle est tellement...” joutes verbales et insultes rituelles chez les adolescents de l’immigration francophone. *Adolescence*, Paris, v. 31, n. 3, p. 711-721, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3917/ado.085.0711>

BOUSFIELD, D. Impoliteness. In: DONSBACH, Wolfgang (org.). *The International Encyclopedia of Communication*. New York: Wiley-Blackwell; International Communication Association, 2008. p. 28-43. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.167>

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>

CABRAL, A. L. T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no *Facebook*. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 416-432, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2019.173.01>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/issue/view/789> Acesso em: 10 mar. 2020.

CABRAL, A. L. T.; ALBERT, S. A. B. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (org.). *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 267-294.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários do Facebook. (*Con*) *textos Linguísticos*, Vitória, v. 12, n. 22, p. 39-58, 2018.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*, Santa Cruz, v. 42, n. 73, p. 86-97, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CHANG, J. *Can't Stop, Won't Stop: A History of the Hip-hop Generation*. New York: St. Martin's Press, 2005.

COHEN, H.; LEFEBVRE, C. (org.). *Handbook of Categorization in Cognitive Science*. [S.l.]: Elsevier, 2005.

CUTLER, C. A Yorkville Crossing: White Teens, Hip Hop and African American English. *Journal of Sociolinguistics*, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 428-442, Nov. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9481.00089>

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research*. Language, Behaviour, Culture, Berlin, v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>

CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

CULPEPER, J.; HARDAKER C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; KADAR, D. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 199-225. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9

EVANS, V. *How Words Mean: Lexical Concepts, Cognitive Models, and Meaning Construction*. Oxford: Oxford University Press, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199234660.001.0001>

FRONDIZI, R. *¿Qué son los valores?* México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

GOFFMAN, E. *La mise en scène de la vie quotidienne: La présentation de soi*. Paris: Editions de Minuit, 1973.

GRAHAM, S. L.; HARDAKER, C. (Im)politeness in Digital Communication. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 785-814. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_30

HAUGH, M. Disentangling Face, Facework and Im/politeness. *Sociocultural Pragmatics*, Berlin, v. 1, n. 1, p. 46-73, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/soprag-2012-0005>

HAUGH, M. Intercultural Pragmatics. In: KIM, Y. Y. (org.). *The International Encyclopedia of Intercultural Communication*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2017. p. 1-14. DOI: 10.1002/9781118783665.ieicc0060

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, I. R. (org.). *Cortesia: olhares e (re) invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 47-82.

LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAFOREST, M.; MOÏSE, C. Entre reproche et insulte, comment définir les actes de condamnation?. In: FRANCCIOLLA, B.; MOÏSE, C.; ROMAIN, C.; AUGER, N. (org.). *Violences verbales. Analyses, enjeux et perspectives*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013. p. 85-105.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London; New York: Longman, 1983.

MATTAR, Y. Virtual Communities and *Hip-Hop* Music Consumers in Singapore: Interplaying Global, Local, and Subcultural Identities. *Leisure Studies*, [S.l.], v. 22, n. 4, p. 283-300, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1080/02614360310001594168>

MAZZARA, B. *Stereotipi e pregiudizi*. Bologna: Il Mulino, 1997.

MOÏSE, C. Gros mots et insultes des adolescents. *Revue de l'Enfance et de l'Adolescence*, [S.l.], v. 83-84, n. 1, p. 29-37, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3917/lett.083.0029>

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CARNEIRO, M. M. Sobre o potencial semântico- pragmático das *hashtags*. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. (org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 207-226.

OSUMARE, H. *The African Aesthetic in Global Hip-Hop: Power Moves*. New York: Palgrave MacMillan, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-137-05964-2>

ROSE, T. *The Hip Hop Wars: What We Talk About When We Talk About Hip Hop—And Why It Matters*. New York: Basic Book, 2008.

ROTH-GORDON, J. Conversational Sampling, Race Trafficking, and the Invocation the Gueto in Brazilian Hip Hop. In: ALIM, H. S.; IBRAHIM, A.; PENNYCOOK, A. (org.). *Global Linguistic Flows: Hip Hop Cultures, Youth Identities, and the Politics of Language*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2009. p. 63-78. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203892787>

TERFOURAFI, M. Towards a Unified Theory of Politeness, Impoliteness, and Rudeness. In: BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. (org.). *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 45-74.

VAN DIJK, T. A. Opinions and Ideologies in the Press. In: BELL, A.; GARRET, P. (org.). *Approaches to Media Discourse*. Amsterdam: Wiley-Blackwell, 1997. p. 21-62.

VETTORATO, C. *Un monde où l'on clashe*. La joute d'insultes dans la culture de rue. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 2008.

WIRTH-KOLIBA, V. The Diverse and Dynamic World of 'Us' and 'Them' in Political Discourse. *Critical Approaches to Discourse Analysis Across Disciplines*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 23-37, 2016.